



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL



LUCIANA DE KÁSSIA CATARINA AMARAL SANTOS

**TECNOLOGIAS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE A PREVENÇÃO
CONTRA A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

ITUIUTABA/MG

2023

LUCIANA DE KÁSSIA CATARINA AMARAL SANTOS

**TECNOLOGIAS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE A PREVENÇÃO
CONTRA A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Aparecida Souza.

ITUIUTABA/MG

2023

LUCIANA DE KÁSSIA CATARINA AMARAL SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Ciências Humanas do Pontal, apresentado à banca examinadora, como requisito parcial de avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Ituiutaba, 30 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raquel Aparecida Souza (ICHPO-UFU)
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (ICHPO-UFU)
(Membro - Banca Examinadora)

Prof.^o Dr.^o Arlindo Quillici Neto (ICHPO-UFU)
(Membro - Banca Examinadora)

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Francisco Juciê (in memoriam).

Ao meu filho Natanael.

Ao meu cunhado Rubens.

Minha orientadora Raquel.

A minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus por me conceder força para enfrentar cada dia e por todas as conquistas, incluindo esta redação acadêmica, mais uma vitória em minha jornada. Agradeço a constante força, bondade e por renovar suas misericórdias a cada novo dia. Sou grata pelas bênçãos e êxitos alcançados ao longo dos últimos 5 anos na Universidade.

Ao meu amado esposo, Francisco Juciê (*in memoriam*), um grande companheiro e meu melhor amigo. Sua paciência e perseverança foram exemplos inspiradores. Agradeço imensamente pelo seu apoio incansável, pela cumplicidade constante e por incentivar os meus estudos, sempre acreditando no meu potencial. Além disso, seu romantismo e senso de humor iluminavam até mesmo os momentos mais desafiadores, fazendo com que estivéssemos juntos nos momentos bons e difíceis.

Ao meu amado filho Natanael, sempre presente e compreensivo, apoiando-me nos momentos de alegria e tristeza. E ao meu cunhado Rubens que sempre me apoiou e me admirou. E toda minha família que sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida.

A minha orientadora, Raquel, que foi uma presença constante ao meu lado, sempre me incentivando, apoiando e enxergando o meu potencial com bondade. Com carinho e atenção, ela guiou meu percurso durante a graduação, possibilitando meu crescimento por meio de iniciações científicas, trabalhos e publicações tanto presenciais na universidade quanto *online*. Sou imensamente grata pela sua amizade, proximidade e generosidade como pessoa e professora.

Minha querida professora Valéria Rezende deixou uma marca profunda em minha graduação. Foi graças ao seu apoio incansável e sua persistência que não desisti, mesmo no momento mais difícil da minha vida. Agradeço por nunca ter desistido de mim.

A todos os excelentes professores que, com dedicação, me ensinaram e incentivaram meu crescimento durante a graduação e que foram compreensivos em momentos que tive que me ausentar, em especial: Sauloéber, Gláucia, Mauro, Mical, Simone Clea, Simone Passos, Valéria Rezende, Lílian, Luciane, Kênia, Tatiane, Raquel, Eduardo, Lorena, Mário, Lucia Helena, Aparecida Satto e Fernanda. Agradeço imensamente por suas valiosas contribuições como indivíduos e educadores, que deixaram uma marca duradoura em minha jornada acadêmica.

Com o mais profundo amor e alegria, dedico esta vitória a todas as pessoas mencionadas aqui, a minha família e a todas como àquelas que fazem parte da minha jornada. Agradeço a todos que compartilharam dos meus sonhos e estiveram ao meu lado e a aqueles que muitas vezes me criticaram.

Concluir o Curso de Pedagogia representa a realização de mais um sonho, e por isso me alegro imensamente. Em meio a tantas vitórias, encontro conforto na certeza da existência de Deus, cujo amor se manifesta em nossas vidas.

Gratidão!

“Cicatrizes são marcas de superação que só um verdadeiro guerreiro(a) possui”!

RESUMO

A pesquisa buscou conhecer possibilidades sobre a utilização de tecnologias digitais para auxiliar na prevenção contra a violência escolar, a partir de produções acadêmicas. A inserção de tecnologias na educação é um tema polêmico no Brasil e várias ações e programas já foram implementados com o objetivo de inseri-las nas práticas educacionais. No entanto, no contexto da Pandemia da Covid-19 foi evidenciado que o Brasil ainda não avançou em termos de ações e políticas. Durante o período pandêmico, o uso de tecnologias por estudantes e professores foi intensificado como alternativa para dar continuidade nas aulas presenciais que foram suspensas, e é nesse mesmo contexto que os casos de atentados e violências às escolas brasileiras também aumentaram. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa, empregando uma revisão bibliográfica conduzida por meio de levantamento de noticiários e sites jornalísticos e de artigos científicos na plataforma de busca do Google Acadêmico. Os resultados apontam que entre os artigos selecionados, existem diferentes formas de violência que vem ocorrendo dentro e fora das escolas, os quais apontam para a influência do uso inadequado das tecnologias, que vem moldando o comportamento dos usuários. Concluímos que, embora haja muitos desafios com a inserção de tecnologias na educação, também é possível que ela possa contribuir para a prevenção e sensibilização contra a violência nas escolas, mas para isso acontecer é necessária uma educação de qualidade e crítica, que capacite os alunos a discernir o certo e o errado, assumindo responsabilidade e que sejam conscientes pelos seus atos.

Palavras-Chave: Tecnologias digitais. Violência. Prevenção.

ABSTRACT

The research sought to discover possibilities about the use of digital technologies to help prevent school violence, based on academic productions. The insertion of technologies in education is a controversial topic in Brazil and several actions and programs have already been implemented with the aim of inserting them into educational practices. However, in the context of the Covid-19 Pandemic, it was clear that Brazil has not yet advanced in terms of actions and policies. During the pandemic period, the use of technology by students and teachers was intensified as an alternative to continue face-to-face classes that were suspended, and it is in this same context that cases of attacks and violence in Brazilian schools also increased. The methodology adopted was based on a qualitative approach, employing a bibliographical review conducted by surveying news and journalistic websites and scientific articles on the Google Scholar search platform. The results indicate that among the selected articles, there are different forms of violence that have been occurring inside and outside schools, which point to the influence of inappropriate use of technologies, which has been shaping users' behavior. We conclude that, although there are many challenges with the insertion of technologies in education, it is also possible that it can contribute to the prevention and awareness against violence in schools, but for this to happen, quality and critical education is necessary, which empowers students to discern right and wrong, taking responsibility and being aware of their actions.

Key-words: Digital technologies. Violence. Prevention.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO-ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....	14
2.1 Violência, ataques em escolas no Brasil - relações com o uso de TICs.....	19
3. O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	26
3.1 Levantamento de artigos acadêmicos	26
3.2 Discussão dos Resultados.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5. REFERÊNCIAS.....	38

1.INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema sobre as tecnologias na educação surgiu com nossa participação na disciplina educação e tecnologias e em nossa experiência vivenciada no Programa de Residência Pedagógica (RP) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), campus Pontal e durante a participação no Subprojeto Pedagogia/Alfabetização, desenvolvido nos anos de 2021 e 2022.

O contexto vivenciado no Programa (RP) coincidiu com o triste momento de Pandemia vivido pelo mundo, disseminada pelo COVID-19 (Coronavírus), doença que levou à paralisação de atividades presenciais em todos os setores da vida social, como na educação, em que as escolas tiveram que ofertar aulas de modo não presencial, utilizando recursos de tecnologia.

Dentre as consequências que essa Pandemia causou, destacamos a intensificação da utilização de tecnologias e ferramentas digitais para sanar a ausência das atividades educacionais, como as aulas presenciais nas escolas públicas, reuniões de gestores, cursos de formação, entre outros.

Ao ingressar no Subprojeto de Alfabetização da RP em uma escola pública em Ituiutaba-MG, deparamo-nos com as coordenadoras que haviam desenvolvido um questionário destinado aos pais e responsáveis dos alunos, o qual tinha o propósito de avaliar o nível de aprendizagem e a eficácia do ensino não presencial, dado o baixo retorno das tarefas por parte dos alunos.

O diagnóstico contava com vinte perguntas disponibilizadas pelo formulário do *Google Forms*, o qual ficou disponível aos responsáveis por dois meses. Nesse momento, nós alunas da RP fomos convidadas a ajudar na tabulação dos resultados desse formulário e organizar uma apresentação por meio de gráficos e tabelas. Ao nos envolvermos nessa atividade, fomos percebendo entre as respostas que uma grande maioria de pais e responsáveis eram contra o modelo de ensino não presencial com uso tecnologias, pois muitas famílias não tinham *internet* no celular, não tinha tempo de ajudar as crianças porque trabalhavam fora, as crianças tinham muitas dificuldades na escrita, leitura, em operações matemáticas básicas e muitas não eram alfabetizados.

No Brasil as primeiras ações governamentais em relação à Pandemia são de fevereiro de 2020 quando foi sancionada a Lei 13.979 em que o presidente da República, dispôs sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional

decorrente do coronavírus responsável pelo surto da Pandemia e, segundo o Art. 1º tinha o objetivo de contribuir com a proteção coletiva dos brasileiros, baseando-se nas orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) (Brasil, 2020a).

Com o intuito de tentar conter a disseminação do vírus, a OMS decretou medidas restritivas de circulação de pessoas, como o isolamento social, e essa medida afetou diretamente todos os setores no mundo entre eles a educação, pois, os países, seus Estados e municípios foram orientados a suspender as aulas presenciais em todos os níveis e modalidades de ensino, nas redes privadas e públicas.

Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) autoriza, em caráter excepcional, a suspensão das aulas presenciais por meio da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizando a substituição das disciplinas presenciais por “aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação”, conforme consta no Art.1º (Brasil, 2020).

Diante dessa situação, muitas escolas e professores tiveram que aprender alternativas de oferecer aulas com suporte em recursos de tecnologias digitais, assim como os(as) alunos(as) tiveram que se reinventarem para acompanharem as aulas, seja por meio de uma tela de computador, de *tablets*, ou *smartphones*, e outras Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Se por um lado essa prática representou uma alternativa para muitas instituições, que buscavam propor atividades de forma *online* aos seus alunos, por outro lado, ela serviu para mostrar que o país havia avançado muito pouco em relação às políticas de inserção de tecnologias na educação. Além disso, foi constatado muitos problemas de exclusão para uma grande maioria de estudantes que não tinham acesso à tecnologia e *internet*, e nem conhecimento para utilizá-las a favor da aprendizagem, além disso, também levou à intensificação do uso de TICs por parte de muitas crianças, adolescentes e jovens, sem um devido acompanhamento.

Para muitos estudantes e docentes, foi durante esse período da Pandemia que tiveram a primeira experiência com redes digitais e ferramentas tecnológicas, obrigando-os a utilizá-las para fins educacionais e de comunicação.

Esse movimento de utilização de tecnologias, justificado pela necessidade do momento pandêmico, assim como as práticas e ações de inserção de tecnologias na educação no Brasil, impõe desafios para os profissionais da área de educação, para as famílias e para a sociedade em geral, como apontou o estudo de Casagrande, Costa e Fernandes (2019), pois embora se reconheça que há várias possibilidades para uso pedagógico com tecnologias digitais, há que se

destacar também há problemas quanto à utilização inapropriada por muitas crianças e adolescentes, as quais podem se envolver em situações de riscos com o uso intensificado delas, o que pode contribuir para a violência e atentados em escolas.

Outro fator que justifica essa pesquisa está associado ao fato de acompanharmos as notícias sobre o crescimento de atentados e violências em escolas e creches no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 2019, em que crianças, adolescentes e professores têm sido as principais vítimas. De acordo com matéria divulgada pela CNN/Brasil em março de 2023, nos últimos vinte anos, o Brasil registrou pelo menos 24 ataques em escolas e creches, resultando em 131 vítimas, em que seis (6) professores e (28) estudantes perderam a vida.

O Ministério de Educação (MEC) criou um Grupo de Trabalho com vários especialistas para apresentarem uma análise dos casos de violência e para apresentarem recomendações para a ação governamental. O relatório desse grupo intitulado “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” foi apresentado em 12 de outubro de 2023 e dentre as análises deles, destacamos entre as causas do aumento da violência, problemas relacionados ao *bullying* e *cyberbullying*, e que está diretamente associado ao acesso e intensificação do uso de TICs, como aponta o documento, “o crescimento do cyberbullying por meio do mau uso das novas tecnologias de informação e comunicação, compartilhando características do assédio tradicional, como intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder, com o agravante do anonimato do agressor” (Brasil, 2023, p.10).

Nesse contexto apresentamos esta pesquisa que teve como temática o estudo sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação na educação, a partir da seguinte questão problemática: o uso de tecnologias digitais pode contribuir para a prevenção e sensibilização contra a violência nas escolas?

Como objetivo geral buscamos realizar uma reflexão teórica sobre uso das tecnologias digitais na educação e conhecer possibilidades de prevenção contra a violência nas escolas e como objetivos específicos buscamos realizar levantamento sobre o histórico de atentados e violências nas escolas e as relações com o uso de tecnologias digitais e conhecer possibilidades do uso de tecnologias digitais nas práticas educativas para a prevenção e sensibilização contra a violência nas escolas a partir de pesquisas acadêmicas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos apoio na pesquisa de abordagem qualitativa, pois,

[...] a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto no qual ocorre o fenômeno, (Gil, 1999).

Quanto aos procedimentos técnicos, realizamos um estudo bibliográfico, que como pontua Gil (2008), Prodanov e Freitas (2013, p.54), busca “[...] colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa”. Esse processo foi importante para o amadurecimento sobre o referencial teórico, bem como para compreender elementos destacados na coleta de dados, que foi realizada a partir de um levantamento bibliográfico.

Inicialmente realizamos um estudo exploratório, por meio de pesquisa livre em sites de notícias jornalísticas, buscando conhecer mais sobre a problemática relacionada a ataques em escolas brasileiras. Nesse levantamento, os resultados apontaram ataques nas escolas entre os anos de 2003 e 2023, com maior número de casos a partir de 2019 e 2020, que marca a ligação entre o aumento do uso de tecnologias na Pandemia da COVID-19.

A partir desse estudo, realizamos um levantamento de artigos acadêmicos na plataforma de busca do *Google Acadêmico*, considerando o período de 2020 a 2023. Buscamos por textos que fizessem diálogo sobre a utilização de tecnologias na educação e apontassem elementos para discussão sobre possibilidades do uso para prevenção quanto à violência nas escolas. A discussão sobre o levantamento, bem como o detalhamento das etapas e fases da pesquisa, apresentaremos mais adiante.

2. TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO - ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Desde tempos antigos, o ser humano já utilizava as tecnologias disponíveis em sua época, impulsionando um contínuo processo de inovação mediante o desenvolvimento de materiais mais avançados. “O desenvolvimento tecnológico de cada época da civilização marcou a cultura e a forma de compreender a sua história”, (Kenski, 2007, p.20).

Quando pensamos em tecnologia, estamos habituados referenciá-la como equipamentos e aparelhos, no entanto, essa expressão “tecnologia”, vai muito além de ser apenas uma máquina. “O conceito de tecnologias engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações”, (Kenski, 2007, p.22-23). Está presente em próteses, óculos e dentaduras, além de medicamentos

e essas conquistas resultam de descobertas nas quais contribuem cientistas de variadas áreas, e representam tecnologias que aprimoram a qualidade e a longevidade da vida humana. E além de tecnologias ligadas a equipamentos, há outros tipos, como a linguagem, que desempenham um papel crucial na vida humana desde o início da civilização, mesmo sem se manifestarem por meio de máquinas e equipamentos.

Segundo Kenski (2007, p.23) nos filmes de ficção científica, sobre civilizações tecnológicas tem-se uma visão literária e redutora do conceito de tecnologias, colocando-a como algo ameaçador, perigoso e negativo. No entanto, a tecnologia não pode ter esse significado, pois ela já faz parte de nossas vidas e em todo lugar se faz presente,

[...] ela está em todo lugar, já faz parte das nossas vidas. As nossas atividades cotidianas mais comuns-como dormir, comer, trabalhar, nos deslocarmos para diferentes lugares, ler, conversar e nos divertirmos-são possíveis graças às tecnologias a que temos acesso. As tecnologias estão tão próximas e presentes que nem percebemos mais que não são coisas naturais, (Kenski, 2007, p.24)

Desse modo, quando fazemos qualquer atividade, necessitamos de produtos e equipamentos, que são resultados de estudos e planejamentos, que buscam meios de facilitar e melhorar a maneira de viver.

Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de "tecnologia. Para construir quaisquer equipamentos - uma caneta esferográfica ou um computador -, os homens precisam pesquisar, planejar e criar o produto, o serviço, o processo. Ao conjunto de tudo isso, chamamos de tecnologias, (Kenski, 2007, p. 24)

Segundo o Dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (1982, p.906) citado por Kenski (2007, p. 24), a tecnologia é “o estudo dos processos técnicos de um determinado ramo de produção industrial ou de mais ramos”. Já a técnica, no mesmo dicionário “compreende todo conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer”. Nesse contexto, a técnica não se diferencia da arte, da ciência ou de qualquer processo para alcançar um determinado efeito; seu alcance abrange todas as atividades humanas.

Peixoto (2009) ressalta dois pensamentos extremistas sobre tecnologias, ora sendo técnica instrumental, como técnica determinista. Pois enxergando a tecnologia apenas como instrumento, ela pode ser considerada neutra, e pode servir para qualquer finalidade, cabe o usuário decidir como utilizar. E se for considerada máquina ou equipamento, que a pessoa utiliza para determinada função, e é do usuário a responsabilidade do seu uso.

Porém, Peixoto (2009), diz que é necessário superar essas visões que são dicotômicas e extremas, e que as tecnologias não são neutras, mas é uma construção social, que está ligada nas ações dos seres humanos e sociedade, por isso não pode ser pensada e nem usadas como instrumento e nem como determinantes, e por isso é necessário ter uma visão mais crítica de tecnologias. E essa visão crítica que Peixoto traz é de que o sujeito tem que ter consciência do uso que ele faz da tecnologia. Como a gente usa, porque está usando, se vai afetar o outro a nós mesmo. E no trabalho adotaremos a tecnologia na perspectiva crítica de Peixoto.

E o Brasil implementou várias iniciativas governamentais para integrar tecnologias na educação desde os anos 1980, embora as primeiras experiências com computadores nas escolas tenham começado nos anos 1970. Souza (2023, p.7) ressalta que,

Essas iniciativas, especialmente as promovidas pelo governo federal, visavam incentivar o uso educacional de informática e tecnologias, fornecer equipamentos e acesso à internet nas escolas, além de oferecer cursos de formação para gestores e professores aprenderem a utilizar essas tecnologias de forma pedagógica e eficaz.

No final do mandato do presidente João Figueiredo, em 1984, foi aprovado o Projeto Brasileiro de Informática na Educação (EDUCOM), que serviu de base para a criação do Programa Nacional de Informática na Educação (PRONINFE), em 1989 no período de governo do presidente José Sarney.

Em 1997, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, foi estabelecido o Programa Nacional de Informática Educacional (PROINFO), que foi criada com o objetivo de:

[...] promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica, com aquisição e a montagem de laboratórios de informática nas escolas, formação de professores, disponibilização de conteúdos educacionais, propor inovações tecnológicas para as escolas públicas municipais do país, com destaque para a criação dos Núcleos de Tecnologia Educacional de estados e municípios (NTE e NTM), (Souza, 2023, p.8).

O PROINFO, inicialmente, com foco na informática, passou por uma revisão uma década depois e nessa revisão, foi reconfigurado como "PROINFO Integrado"- "Programa Nacional de Tecnologia Educacional, com o objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica", (Souza, 2023, p.8). Em 2007, foi criado o PROINFO Rural, e em 2008, foi lançado o Programa Banda Larga nas Escolas (PNBL).

Em 2010, como parte do PROINFO Integrado, foi criado o Programa Um Computador por Aluno (PROUCA) que tinha como objetivo promover a inclusão digital pedagógica nas escolas públicas brasileiras, proporcionando *laptops* educacionais para alunos e professores, visando o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

De acordo com Souza (2023), por serem iniciativas governamentais, essas ações atravessam diferentes períodos históricos e sociais, e nesse sentido, as ações de inserção de tecnologias também seguem interesses para atender às demandas impostas pelo atual modelo econômico.

De forma geral, no Brasil houve várias ações e iniciativas de inserção de tecnologias na educação, no entanto, foram ações que não apresentaram resultados muito concretos nas práticas educativas, o que foi bem evidenciado no contexto da Pandemia da COVID-19. Souza (2023) aponta que, muitas das ações e políticas de inserção de tecnologias na educação não estão voltadas para uma preocupação de formação humana dos sujeitos com uso de tecnologias, mas são ações voltadas para o discurso de que, porque o mundo está cada vez mais moderno, a educação precisa acompanhar essa modernidade e inserir tecnologias nas práticas pedagógicas.

No entanto, a autora baseando-se em Peixoto (2009) mostra que essas ideias levam a dois pensamentos extremistas sobre tecnologias, ora como sendo uma técnica instrumental, como uma técnica determinista. Na visão de tecnologia apenas como instrumento, os defensores acreditam em uma certa expectativa quanto ao potencial, pois nessa visão a tecnologia é neutra, podendo servir para qualquer finalidade, cabendo ao usuário saber conduzi-la. Assim, pode ser atribuída como máquina ou equipamento que o indivíduo usa para realizar determinadas funções e portanto, a responsabilidade pelo bom ou mal uso é do sujeito que usa, e se “professores ou alunos não tem uma resposta positiva no processo de ensinar e aprender com o uso de tecnologias, o problema está na forma como conduzem o uso, pois a tecnologia é um simples objeto neutro a serviço do sujeito que a usa para uma determinada finalidade” (Souza, 2023a, p. 13).

Uma outra visão extremista de tecnologia é aquela que a reconhece apenas como uma técnica determinista, que para Peixoto (2012, p.4) trata-se de uma visão em que “a tecnologia determina os efeitos que ela induz na sociedade”, deixando de considerar os sujeitos que fazem uso delas. Assim, não são os professores e alunos e sim a solução técnica que é considerada mais eficaz para melhorar a produtividade e a qualidade das ações realizadas.

No entanto, Peixoto (2009, 2012) mostra que é preciso superar essas visões que são dicotômicas e extremas, e pondera que as tecnologias não são neutras, mas “são uma construção

social”, que estão ligadas às ações dos seres humanos e sociedade, por isso não podem ser pensadas e usadas nem só como instrumentos e nem só como determinantes, por isso é preciso ter uma visão mais crítica de tecnologias. Souza (2023b, p.13) assim destaca que,

Já numa visão mais crítica, em que a tecnologia é compreendida como uma construção social, seu “uso pedagógico” não se restringe a essas visões, mas se relaciona com as escolhas conscientes que os sujeitos podem fazer a partir da utilização das tecnologias. Tem a ver com as relações entre as tecnologias e os sujeitos sociais, as quais se dão em uma perspectiva de reciprocidade, pois a tecnologia é concebida como uma produção sócio-histórica e inerente a toda ação humana.

Nesse sentido, o uso de tecnologias nas práticas pedagógicas não pode ocorrer apenas por imposição ou por modismos, mas sim porque se trata da formação de seres humanos que fazem uso delas, os quais devem construir capacidade crítica de fazer escolhas de maneira intencional para o uso adequado das tecnologias digitais. A fim de tentar alcançar resultados nas transformações educacionais, Peixoto (2009) propõe uma reflexão, que se desenvolve com base em três eixos:

- 1- Uma percepção crítica e contextualizada da tecnologia, buscando a compreensão das visões determinista e instrumentalista para explicar o lugar ocupado pela tecnologia no mundo e suas conseqüentes apropriações pelo discurso educacional na forma de metáforas;
- 2- A decorrente necessidade de adoção de uma abordagem sociopolítica para análise das relações entre as tecnologias e a educação, afirmando a necessidade de tomar tais relações como objeto de estudo e
- 3- A ênfase em programas de formação continuada em vez de ter a meta inovadora como foco dos programas de formação de professores, (PEIXOTO, 2009, p.218).

O uso das tecnologias desempenha um papel crucial na formação humana, pois a tecnologia facilita o acesso a uma vasta quantidade de informações e recursos educacionais, ampliando as oportunidades de aprendizado. Porém, as políticas de integração que são propostas para o uso de tecnologias na educação não visam a formação humana do sujeito. Peixoto (2009) faz uma crítica sobre as políticas de integração das tecnologias, pois muitas dessas iniciativas não se concentram na formação humana dos indivíduos no uso da tecnologia, mas sim se limitam a um discurso de modernização educacional. Isso implica que, devido à crença na constante modernização do mundo, a educação é pressionada a seguir essa tendência, adotando a tecnologia de maneira ampla nas práticas pedagógicas.

No entanto, tem se a necessidade de adotar uma visão crítica e contextualizada em relação à tecnologia é fundamental para compreender seu papel na sociedade. Isso implica considerar as perspectivas determinista e instrumentalista, que elucidam como a tecnologia influencia e é interpretada na educação.

Atualmente, as tecnologias são presença constante na vida das pessoas, especialmente após o período pandêmico, quando seu uso se tornou constante para comunicação, estudo e outras atividades. Nesse contexto, é crucial considerar como podemos integrar a tecnologia de forma consciente em nossas vidas, avaliando criteriosamente seu uso e impacto.

Quando falamos sobre cultura digital, sua relação com a educação se torna essencial, visto que é necessário educar dentro e para essa cultura. Entretanto, muitos professores demonstram preocupações variadas, como por exemplo se os alunos estão usando celulares ou tablets durante a aula e têm preferência por digitar em vez de escrever manualmente e por vezes, a ênfase no conhecimento fica em segundo plano. É crucial considerar como o uso das tecnologias pode contribuir para a formação integral dos indivíduos, pois a função social da educação envolve a conscientização dos indivíduos, algo que pode ser amplificado com o auxílio das tecnologias.

Desse modo a tecnologia pode auxiliar na educação, tendo um forte impacto na formação humana dos indivíduos, contribuindo para o papel social da educação, que é o da formação consciente dos indivíduos, o que pode ser potencializado com o auxílio de tecnologias, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, pois Peixoto (2009) enfatiza a necessidade de uma consciência crítica por parte daqueles que utilizam a tecnologia, permitindo-lhes ter autonomia em seu uso, compreender as direções a serem tomadas e assumir plena responsabilidade pelas suas ações.

2.1 Violência, ataques em escolas no Brasil - relações com o uso de TICs

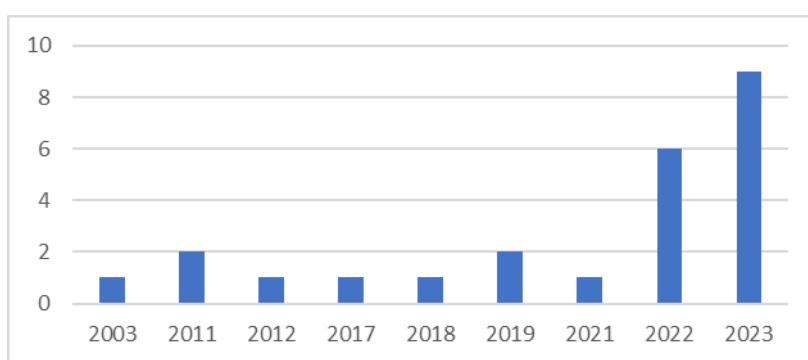
Os avanços da tecnologia e o surgimento da *internet* causaram impactos inimagináveis na sociedade. Estamos agora diante de uma sociedade interconectada, onde *e-mails*, celulares, *palm*s, *chats*, buscadores de informação, *sites* de notícia e outras ferramentas tornaram-se parte integrante de nossa rotina diária, tanto no trabalho quanto no lazer.

Neste novo cenário de mudanças tecnológicas, enfrentamos desafios e formas de relacionamento que influenciam o comportamento humano, impactando assim todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento de uma sociedade, incluindo a educação. No entanto,

no contexto escolar, estamos atualmente vivenciando um período marcado pela ocorrência de várias violências nas escolas.

Buscando compreender as possíveis relações existentes entre essas ações de violência e a utilização das tecnologias, realizamos uma busca livre em sites de notícias para levantar dados sobre ataques em escolas brasileiras, e percebemos que há registros de casos desde o ano de 2003, sendo intensificado a partir de 2019 a 2023, conforme melhor visualizamos no Gráfico 1.

Gráfico 1- Número de ataques em escolas e creches no Brasil



Fonte: Elaborado pela autora em 2023 – baseado em dados de sites jornalísticos (2023)

Considerando dados apresentados em sites jornalísticas como o site da CNN, da UOL, no “Aos Fatos” e no “Desafios da educação” (Sanes, 2023), encontramos que em 20 anos foram registrados pelo menos 24 ataques, ocorridos entre 2003 e 2023, envolvendo 166 pessoas, sendo que 48 vítimas foram fatais, como podemos visualizar no Quadro 1.

Quadro 1 - Ataques em escolas no Brasil

Ano	Atentados	Local	Vítimas	Vítimas Fatais		
				Autor do atentado	Professores	Estudantes
2003	1	Taúva-SP	50	1	0	0
2011	2	Realengo- RJ	12	1	0	12
		São Caetano do Sul-SP	2	1	1	0
2012	1	Santa Rita-PB	3	0	0	0
2017	1	Goiânia-GO	6	0	0	2
2018	1	Medianeira-PR	2	0	0	0
2019	2	Suzano-SP	19	2	0	8
		Caraiá-MG	2	0	0	0
2021	1	Saudades-SC	9	0	2	3
2022	6	Barreiras-BA	2	0	0	1
		Morro do Chapéu-BA	1	0	0	0
		São Paulo-SP	2	0	0	0
		Sobral-CE	3	0	0	1
		Aracruz-ES	13	0	2	1
2023	9	Ipaussu-SP	3	0	0	0
		São Paulo-SP	6	0	1	0
		São Paulo-SP	0	0	0	0
		Santa Catarina	4	0	0	4
		Farias Brito-CE	2	0	0	0
		Manaus-AM	3	0	0	0
		Santa Tereza-GO	2	0	0	0
		Cambé-PR	2	0	0	2
		Poços de Caldas-MG	3	0	0	1
São Paulo-SP	4	0	0	1		
Total	24		156	5	6	37

Fonte: Elaborado pela autora em 2023 – baseado em dados de sites jornalísticos (2023)

Ao longo de 20 anos ocorreram aproximadamente 24 ataques em escolas. Destes, seis foram perpetrados por indivíduos não identificados, com idades entre 17 e 25 anos, sem motivo aparente para o crime, conforme destacou dados dos sites da CNN (2023) e UOL (2023). Quatro incidentes foram cometidos por ex-alunos, com idades variando de 14 a 25 anos, e o motivo não foi divulgado no noticiário. Os demais ataques foram realizados por estudantes do sexo masculino, com idades entre 10 e 18 anos. Os estudantes do Colégio Goyases (GO), da Estadual João Manoel Mondrone (PR), do Colégio Floresta (SP), na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Professora Carmosina Ferreira Gomes (CE) e da Escola Estadual de Sapopemba (SP) afirmaram ter perpetrado os ataques em resposta ao *bullying* que sofriam.

No ano de 2023 tivemos pelo menos 9 casos de ataques em escolas, conforme visualizamos no Gráfico 1 na página 14. Noticiários do site “Aos Fatos” mostraram que o ataque ocorrido no dia 27 de março de 2023, por um adolescente de 13 anos, que invadiu a Escola Estadual Thomazia Montoro, em São Paulo e esfaqueou uma professora, a qual veio a óbito horas depois, foi incentivado a cometer o crime por usuários do Twitter. Conforme destacou o noticiário, antes do ataque, o adolescente recebeu mensagens de apoio e incentivo como “Boa sorte, amigo”. Trata-se de registro de um dos integrantes de uma subcomunidade destinada a conteúdos que idolatram autores de massacres em escolas, da qual o adolescente também fazia

parte. A notícia também destaca que após o crime esses usuários tentaram apagar os rastros deixados por eles, mas sem êxito, pois o adolescente foi preso.

No mês de abril de 2023, pelo menos quatro casos de ataques foram registrados em escolas. De acordo com Sanes (2023), o ataque do dia 5 de abril de 2023, outro crime que chocou o país, em que um homem invadiu uma creche em Blumenau e deferiu golpes de machadinha matando quatro (4) crianças, com idades entre 4 e 7 anos e deixou outras quatro feridas. O agressor, de 25 anos, portando uma machadinha, após evadir-se do local do crime, entregou-se ao 10º Batalhão de Polícia Militar, onde foi detido e encaminhado à Polícia Civil, no site de notícias o agressor não relatou a motivação do crime.

Em 10 de abril, segundo informações do site UOL, um aluno atacou a Escola Instituto Adventista de Manaus, deixando dois estudantes e uma professora feridos. O agressor um adolescente não identificado, foi detido com armas brancas e um coquetel *molotov*. Não foi divulgada a motivação do crime.

No dia 11 de abril, um estudante de 13 anos, matriculado na Escola Estadual Doutor Marcos Aurélio, em Santa Tereza de Goiás, região norte do Estado, invadiu a instituição portando uma faca, ferindo duas colegas. A rápida intervenção de uma professora evitou mais ferimentos, e as alunas machucadas foram encaminhadas a um hospital com lesões leves. O adolescente agressor foi apreendido e ficou à disposição da Justiça. Não se sabe o que motivou o ataque.

No dia 12 de abril, conforme reportado pelo site UOL, um estudante do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Isaac de Alcântara, localizada na zona rural de Farias Brito, interior do Ceará, adentrou uma sala de aula de alunos do 4º ano e causou ferimentos em duas alunas, não havendo vítimas fatais. O site não divulgou informações sobre a detenção do agressor e os motivos que levaram à ocorrência do crime.

No dia 19 de junho, um ex-aluno armado invadiu o Colégio Estadual Professora Helena Kolody, alegando a intenção de obter seu histórico escolar, resultando na trágica morte de dois estudantes. Um professor conseguiu imobilizar o agressor, que foi detido e levado para Londrina, a cerca de 15 quilômetros de Cambé. A motivação do ataque não foi informada.

Em outubro pelo menos dois casos foram registrados. No dia 10 de outubro, o portal da UOL destaca o caso de um ex-aluno de 14 anos da Escola Particular Dom Bosco, localizada em Poços de Caldas (MG), que promoveu um ataque com faca na instituição. O incidente deixou três estudantes feridos, e infelizmente, um jovem também de 14 anos veio a falecer. O agressor

adolescente foi posteriormente detido pelas autoridades policiais. Não se sabe qual foi o motivo do crime.

No dia em 23 de outubro, um indivíduo realizou um ataque a tiros na Escola Estadual Sapopemba, localizada na zona leste de São Paulo. O trágico incidente resultou na morte de uma aluna, que foi baleada, socorrida e levada a um hospital, mas não resistiu, além de ferir outros três estudantes. O agressor foi detido e encaminhado ao 70º DP (Sapopemba).

Em relação a esse caso, encontramos no site "Metrópoles" (2023), informações que o responsável pelo ataque era, um aluno de 16 anos, o qual era vítima de *bullying* devido à sua orientação sexual, e que ele vinha sendo frequentemente agredido em sala de aula.

Um relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho da Educação aponta que normalmente os alunos que cometem esses ataques são motivados por misoginia, homofobia, racismo e xenofobia. E que a prática desses crimes é estimulada (Sanes, 2023, p.2).

O site "Metrópoles" também destacou que o aluno recebeu incentivo e instruções para realizar o atentado, de membros de um grupo do qual participava no *Discord*, uma plataforma de comunicação por texto, voz e vídeo amplamente utilizada para comunicação em jogos *online*. O agressor descreveu os preparativos para o que chamou de "missão", discutindo a melhor maneira de posicionar o celular para filmar e transmitir o atentado. Após o crime, os membros do grupo lamentaram o trágico saldo de vítimas; “Uma morte cara, q cara merda [sic]”, reclama um dos administradores do grupo” (Metrópoles, 2023, s/p). Assim, é possível observar que esse ataque foi instigado por grupos na internet que promovem a violência.

O relatório do MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023) aponta que,

[...] o processo de cooptação para o discurso e/ou a participação em comunidades de ódio ocorre principalmente em interações virtuais, quando os adolescentes e jovens são expostos com frequência a conteúdos extremistas em aplicativos de mensagens, chats de jogos, fóruns de Internet e redes sociais, (Brasil, 2023, p.50).

Assim vemos que os casos de ataques e violências em escolas brasileiras têm mostrado como as TICs e a *internet* tem colaborado de forma negativa na formação de adolescentes e jovens, contribuindo para disseminar uma cultura do ódio; Sanes (2023) ressalta que, “Nos últimos anos o Brasil viu um crescimento significativo desse discurso de ódio, muito presente nas redes sociais”. O autor coloca em pauta a importância de supervisionar o acesso de adolescentes ao ambiente virtuais.

Como aponta o relatório do MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023) esses fatos mostram como a violência nas escolas está crescendo a cada dia e o número de ataques está ligado ao uso intensificado das tecnologias por alunos/as de tecnologias digitais,

Atualmente, devido à tecnologia e às redes sociais, há uma maior percepção da violência, o que acarreta uma sensação de insegurança constante além de estimular *copycat* crimes (“crimes imitadores”, “crimes imitativos”, “crimes imitadores”, “crimes de imitação” ou “crimes por imitação”), tornando-a uma ameaça crescente na contemporaneidade. (Brasil, 2023, p.18).

Apesar do papel social da escola, de contribuir para uma formação integral dos indivíduos e proporcionar o ensino, aprendizagem e desenvolvimento da cidadania dos estudantes, nem sempre as relações se desenrolam harmoniosamente no espaço escolar, pois são relações sociais complexas e peculiares, sobre a influência de fatores sociais, políticos e econômicos.

Os dados destacados dos noticiários mostram que os ataques nas escolas apresentam uma variedade de elementos e causas, as quais se relacionam no desejo de vingança e ressentimento em relação a sociedade e ao ambiente escolar, pela não aceitação das diferenças que leva à violência psicológica como o *bullying*, depressão, pela propagação da cultura do ódio, do desrespeito pelo outros seres humanos, pela propagação de desinformações e *fake news*, além de tantos outros fatores que muitas vezes estão ligados ao uso intensificado de tecnologias pelos estudantes.

Mesmo que a violência as vezes não seja efetivada, tem sido crescente uma cultura do reconhecimento público pelos meios digitais. Como aponta o relatório do MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023) em que adolescentes vulneráveis e influenciados por desejos de envolvimento nesses crimes passam a enxergar os ataques escolares como uma maneira de atrair atenção social e como forma de responder aos problemas de exclusão psicológica. “Para isso, desejam documentar os eventos e controlar a narrativa do crime, facilitados pelo emprego de câmeras de vídeo nas escolas, equívocos na cobertura midiática, e pela disseminação e exposição dos ataques em plataformas sociais e na *internet*” (Brasil, 2023, p.18).

[...] a internet tem sido vista como um elemento central, já que a divulgação online de detalhes e imagens servem para o planejamento de novos ataques, muitas vezes influenciados por elementos e rituais de ataques anteriores, reforçando a recorrência de crimes imitativos, (Brasil, 2023, p.18).

Para autores como Casagrande, Costa e Fernandes (2019), não temos como negar que no cenário atual em que vivemos, crianças, jovens e adultos estão imersos numa cultura digital¹, e nesse sentido, os desafios para a educação são enormes e passam também pela ordem de buscar uma nova compreensão dessa cultura que está sendo remodelada. Estamos rodeados de telas, seja de computadores, tablets, TV etc. e os estudantes acabam conhecendo “mundos” *online* ilimitados. No entanto, ao mesmo tempo, esse contato pode representar uma “espécie de alucinógeno, capaz de fazer com que as relações interpessoais sejam condicionadas a um comportamento com traços de desumanidade” (Casagrande; Costa; Fernandes, 2019, p.1030).

Considerando que as tecnologias, numa visão crítica, são produtos das relações entre o homem e a sociedade, é preciso conhecer e promover o uso das tecnologias para uma formação mais humana dos sujeitos. Peixoto (2009), Souza (2023) pontuam, conforme destacamos no tópico “3.1- Tecnologias na educação – aspectos históricos e conceituais”, que há possibilidade de conduzirmos, intencionalmente, o uso que fazemos das tecnologias: Dessa forma, podemos utilizar as tecnologias com finalidades voltadas para a educação, inclusive com consciência crítica desse uso.

A tecnologia inserida na educação, pode contribuir diretamente na formação humana, porém deve ser utilizada de maneira correta. Silva (2022, p.789) faz uma crítica dizendo que a educação e o trabalho educativo nunca foram neutros. A utilização das mais diferentes técnicas e tecnologias ao longo do tempo sempre procurou favorecer um ou outro modo de formação humana, adequada aos interesses hegemônicos das classes sociais.

O uso de tecnologia está cada vez se manifestando nos sentidos humanos, pois pode despertar o interesse e a sensibilidade através da audição, visão, tato, voz e emoção por meio da influência das mensagens multimidiáticas. Nesse sentido, os profissionais da educação também precisam estar atentos ao escolherem usar as tecnologias, pensar e planejar estratégias de uso como uma aliada ao trabalho pedagógico, de modo a contribuir para uma formação que leve o indivíduo a pensar, educar-se e aprender em conjunto por meio das múltiplas possibilidades de interação com o conhecimento, pois “As tecnologias apresentam uma alternativa ao processo de formação educativa, ao coincidirem com criar e emancipar, para além

¹Cultura digital na atualidade está intimamente ligada à ideia de interatividade, de interconexão, de interrelação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros. Essa interconexão diversa e crescente é devida, sobretudo, à enorme expansão das tecnologias digitais da última década. (Costa, 2008, p.9). A cultura digital também diz respeito as habilidades em lidar com os elementos tecnológicos, com as ferramentas tecnológicas, com os dispositivos tecnológicos (tablets, computadores etc.) e com as habilidades de lidar com o *cyberespaço*.

de todas as possíveis atividades especulativas, considerando sua conexão necessária com a socialização do conhecimento” (Conte, Filippozzi, 2022, p.14).

Embora vamos percebendo que o uso intensificado de tecnologias pode estar contribuindo para potencializar o crescimento de ataques e violências nas escolas, também evidenciamos que elas têm potencial para auxiliar na prevenção desses problemas.

3. O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

3.1 Levantamento de artigos acadêmicos

Nessa etapa da pesquisa, continuando o estudo bibliográfico sobre a temática das tecnologias na educação, realizamos um levantamento de artigos acadêmicos na base de busca do Google Acadêmico, pois consideramos a praticidade na procura, fácil manuseio e acesso dos artigos atualizados, visando encontrar produções que discutissem essa temática e mostrassem contribuições do uso de TICs para ajudar na prevenção e sensibilização contra a violência nas escolas.

Para registrar os dados coletados inicialmente, elaboramos um quadro usando planilhas do Excel para a organização dos artigos pesquisados conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2- Exemplo da tabela elaborada para o levantamento bibliográfico

Título	Autor/a	Link/Periódico	Ano da publicação	Palavras-chave	Resumo

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No site de busca do Google Acadêmico utilizamos inicialmente o descritor “Tecnologia Digital e prevenção contra violência nas escolas”. Nessa busca identificamos um total inicial de 383 resultados de publicações relacionadas ao descritor, considerando, publicações em língua portuguesa e apenas artigos de revisão.

Optamos por artigos publicados no período de 2019 a 2023, pois foi nesse intervalo que os incidentes ocorreram com maior frequência, como apresentamos no gráfico 1 e Quadro 1 do tópico 3.2, na página 19.

Utilizando esse recorte foram encontrados 193 resultados. Desse total, optamos por selecionar apenas artigos que cumprissem os seguintes critérios: artigos da área da educação;

apresentassem em seus títulos, resumos ou palavras-chave, pelo menos dois termos associados a educação, tecnologia e violência.

Considerando esses critérios fizemos ainda duas novas buscas com dois outros descritores: "Atentado, violência na escola, tecnologia" e identificamos um total de 31 artigos. Entretanto, muitos deles foram descartados por não atenderem todos os critérios de seleção. Assim, usamos mais um descritor para a busca: "Ataques nas escolas, tecnologia e prevenção encontramos 218 publicações. A tabela 1 mostra a síntese da seleção dos artigos.

Tabela 1- Síntese do levantamento de artigos acadêmicos

Google Acadêmico	Descritores	Resultados	Selecionados
	Tecnologia Digital e prevenção contra violência nas escolas	193	3
Atentado, violência na escola, tecnologia	31	0	
Ataques nas escolas, tecnologia e prevenção	218	2	
	Total	442	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Considerando a busca a partir dos três descritores e atentando-se aos critérios de inclusão adotados, foi possível chegar a de cinco (5) artigos. Realizamos a leitura deles com o intuito de identificar elementos e argumentos para o diálogo com nossa pesquisa. Durante a leitura, fomos realizando a marcação de palavras ou frases que se relacionavam ao objetivo da nossa pesquisa e que se destacavam pela frequência que apareceriam no resumo, ou no artigo completo.

Dessa marcação destacamos cinco (5) termos e palavras-chave que mais se destacaram nos artigos, entre elas: "violência", "alterações no comportamento" (49 vezes); "suicídio" (8 vezes), "bullying" (172 vezes) e "cyberbullying" (26 vezes). Uma síntese sobre os artigos selecionados pode ser visualizada no Quadro 3.

Quadro 3 – Artigos Seleccionados

Artigos	Título	Autor (es)	Ano
Artigo 1	Consequências negativas da utilização e da comunicação em redes sociais: uma revisão narrativa	Lira, Pachú e Araújo	2022
Artigo 2	Os imitadores e a reprodução do erro: a cobertura mediática das atitudes violentas e o impacto nas mudanças comportamentais	Gonçalves <i>et al.</i>	2020
Artigo 3	Fatores associados à violência escolar com adolescentes: uma revisão integrativa	Farias <i>et al.</i>	2022
Artigo 4	Violência escolar - Uma revisão sistemática de literatura entre 2009 a 2019	Araújo e Coutinho	2020
Artigo 5	Bullying no ambiente escolar e o suicídio de crianças e adolescentes: Uma revisão sistemática e literatura	Amorim	2023

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A partir dos termos e palavras-chave, realizamos a discussão dos dados, buscando dialogar com nosso referencial teórico da pesquisa de modo a encontrar possibilidades sobre a utilização de TICs para a prevenção de violência nas escolas.

3.2 – Discussão dos Resultados

Ao analisarmos os cinco artigos seleccionados, foi constatado que a palavra “violência” é a que aparece com mais frequência, sendo 180 vezes. Essa palavra é entendida como uma recusa aos direitos humanos, como aborda Charlot (1979) *apud* Assis e Avanci (2010, p.14): “nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação etc., onde um ser humano é tratado como um objeto, isto é, onde são negados seus direitos à dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível.

A violência é um traço constante ao longo da história, porém sua interpretação se transforma de acordo com o tempo, o local e o contexto sociocultural, tornando-a dinâmica na sociedade. E de acordo com relatório do MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023, p.18),

Atualmente, devido à tecnologia e às redes sociais, há uma maior percepção da violência, o que acarreta uma sensação de insegurança constante além de estimular copycat crimes (“crimes imitadores”, “crimes imitativos”, “crimes imitadores”, “crimes de imitação” ou “crimes por imitação”)⁵, tornando-a uma ameaça crescente na contemporaneidade.

No relatório do MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023, p.35), é destacada a violência contra as escolas como um fenômeno, que se refere à “violência no ambiente escolar, do tipo que acontece dentro da escola e vitimiza membros da comunidade

escolar, tem sido estudada ao longo de muitos anos, porém, exige constantemente esforços de definição e atualizações conceituais”.

Baseando-se em estudos de Charlot (2002, p.36) o relatório destaca que a violência na escola compreende:

[...] todo o universo de atos de violência no ambiente escolar, ou seja, considera a violência exógena – que se manifesta dentro da escola, mas por motivos alheios a ela, como conceitualiza Charlot. Contudo, analisa também as manifestações endógenas de violência, que são muito mais frequentes na escola e, normalmente, são praticadas pelos membros da comunidade escolar entre si, como resultado de relações sociais conflitivas no interior da escola. Nesse caso, destacam-se agressões físicas, intimidação sistemática (bullying) e toda ordem de vivências de preconceitos, discriminações, rejeições, provocações etc. Ou seja, a violência na escola é toda forma de violência física, psicológica e moral que ocorre dentro do ambiente escolar, resultante de conflitos entre pares.

A violência não se refere apenas às agressões físicas, mas também a qualquer forma de desrespeito, discriminação ou violação dos direitos fundamentais de uma pessoa. A partir desses conceitos, fomos percebendo nos artigos selecionados, que a palavra “violência” aparecia de diversas formas, como violência escolar, em redes, intraescolar, física, verbal ou simplesmente como “violência”.

Nesse sentido, o primeiro artigo, intitulado como “Consequências negativas da utilização e da comunicação em redes sociais: uma revisão narrativa” de autoria de Lira, Pachú e Araújo (2022), discute sobre a problemática da mudança de comportamento, suicídio e cyberbullying, que são tipos de violência.

Nesse primeiro artigo, os autores inicialmente discutem os impactos do avanço tecnológico e do uso excessivo da *internet* nas interações sociais, destacando as consequências negativas da comunicação em redes sociais, ressaltando que:

[...] o conteúdo que têm surgido nos últimos anos na internet enfatizam pontos positivos e negativos, de forma que, em alguns momentos, a internet se mostra como um recurso de conhecimento e informação, evidenciando os seus benefícios educativos, de lazer e comunicação. Já, em outros, a rede de computadores se apresenta como motivo de muitos impasses, tais como a dependência, alienação e isolamento. (Lira, Pachú e Araújo, 2022, p.31)

Os autores chamam atenção pois em alguns momentos, a internet é vista como uma valiosa fonte de conhecimento e informação, realçando seus benefícios nas áreas educacionais, de entretenimento e comunicação. No entanto, em outras situações, a rede de computadores é

vista como uma causa de problemas, incluindo dependência, alienação e isolamento social, o que também fica evidenciado no relatório do MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023), o qual aponta a ligação da violência ao mau uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Assim, o artigo destaca que a internet tem o potencial de ser tanto uma ferramenta valiosa quanto também uma fonte de desafios para as pessoas, dependendo de como é utilizada.

Como destacamos no referencial teórico, para Peixoto (2012), essa visão de internet e tecnologia utilizada sem consciência, planejamento e sem objetivos é criticada, pois os usuários têm ideias extremistas de seu uso, a qual aparece ora apenas como um aparato ora instrumental, ora determinista, colocando a tecnologia como neutra.

Peixoto (2012, p.3) ressalta que “devido a esta condição de neutralidade, a determinação pela tecnologia é analisada tanto em termos positivos como negativos”. No primeiro caso, o progresso técnico é visto como um caminho “natural” e linear, em direção a um mundo melhor, organizado e mais eficaz. No segundo, destacam-se os efeitos negativos do progresso técnico, que é considerado como causador de danos à natureza e de comprometimentos à autonomia dos sujeitos sociais.

Ainda no artigo de Araújo, Lira e Pachú (2022) vemos que os autores destacam que as tecnologias são essenciais e têm um papel central nas várias transformações que as sociedades estão passando em todas as áreas da vida, como na forma como nos comunicamos, trabalhamos, aprendemos e interagimos socialmente. Dessa forma, os autores compreendem a importância das tecnologias na vida dos indivíduos, mas também reconhecem que se elas não forem utilizadas com critérios em definidos, podem contribuir para formação de indivíduos problemáticos.

No segundo artigo, intitulado: “Os imitadores e a reprodução do erro: veiculação midiática de atitudes violentas e a repercussão nas mudanças comportamentais”, de Gonçalves et al. (2020), encontramos outros elementos que podem ser responsáveis por causarem violência na escola, que é o cyberbullying e as mudanças de comportamento.

Esse problema também foi destacado no primeiro artigo, quando os autores Lira, Pachú e Araújo (2022, p.34) ressaltaram que o comportamento agressivo também pode estar associado ao uso excessivo da internet, como outras atitudes desviantes, a exemplo, do abuso de álcool ou drogas, fatores que podem desencadear mudanças de comportamento, alterações na personalidade atingindo a saúde mental do usuário. No mesmo sentido, no segundo artigo, Gonçalves et al. (2020, p.5) também apontam problemas relacionados ao uso de tecnologias

para jogos digitais e redes de comunicação que levam os usuários a terem comportamento violentos.

É visto que a exposição a meios de comunicação violentos provoca diferentes efeitos em diferentes faixas etárias, mais uma vez a Teoria da Modelagem se faz presente para explicar a ligação entre crianças e adolescentes expostas a jogos violentos e comportamentos agressivos. Onde durante a exposição em curto prazo é visto que há mais prejuízo aos adolescentes que tendem a imitar comportamentos agressivos por excitação ou por estímulo de outros, porém, podem não durar muito tempo. (Gonçalves *et al.* 2020, p.5)

A exposição intensiva e sem o acompanhamento de adultos a meios de comunicação violentos contribui para a mudança de comportamentos das crianças e dos jovens, influenciando nas suas atitudes. Os autores destacam que as mídias sociais podem exercer uma forte influência do comportamento dos usuários, pois facilita o acesso aos conteúdos prejudiciais, impactando diretamente nos jovens e em pessoas com problemas psicológicos.

Lira, Pachú e Araújo (2020), pontam que o *cyberbullying* é uma dessas alterações no comportamento.

A sensação de liberdade, imediatismo, facilidade de entrega de informações e falsas crenças oferecidas pelo anonimato e invisibilidade faz com que o indivíduo tende a levar à ideia de que pode se envolver em certos tipos de comportamento agressivo sem consequências, ao exemplo, a prática do *cyberbullying*. (Lira; Pachú; Araújo, 2022, p.39).

Esse termo, segundo Smith *et al.* (2008) citado por Araújo, Lira e Pachú (2022, p.39) é definido como o comportamento agressivo e deliberado cometido por um ou vários indivíduos usando meios eletrônicos de comunicação contra vítimas que não podem se proteger facilmente. Esse comportamento levam as pessoas abandonarem seus princípios e valores, não reconhecendo o dano que podem causar aos outros, não se sentindo constrangidas por comportamentos socialmente reprovados e acreditam que não enfrentarão consequências devido ao seu anonimato na *internet*.

No artigo de Gonçalves *et al.* (2020) os autores se baseiam em Stein, Nodari e Salvagni (2018) mostrando que os meios de comunicação, principalmente as mídias sociais, estão se tornando mais eficientes, pois as empresas utilizam estratégias de comunicação e *marketing* visando a venda de produtos, além das facilidades da *internet* também tem o anonimato que ela proporciona,

[...] com tantas facilidades e por contar com o anonimato da internet, sujeitos criam perfis que são usados para difamar pessoas, praticar *cyberbullying*, e proferir mensagens de ódio que acabam sendo aceitas por outros indivíduos, são os chamados haters ou odiadores, que vem disseminando violência e muitas vezes deixam até os responsáveis por gerenciar as redes sociais inseguros quanto a que atitudes tomar diante da situação, (Stein, Nodari, & Salvagni, 2018 citato por Gonçalves *et al*, 2020, p.14).

Certamente por causa de um falso pensamento de anonimato de autoria na *internet* os indivíduos acabam criando perfis falsos e praticam o *cyberbullying* difamando as pessoas espalhando mensagens de ódio e incitando a violência. Além disso, alguns grupos organizados utilizam a *internet* para propagar mensagens violentas, podendo influenciar muitos indivíduos que estão vulneráveis e apoiá-los a promoverem atos de agressão de forma *online*, e até mesmo, formar grupos e gangues virtuais, por meio de redes sociais diversas.

O terceiro artigo, intitulado: “Fatores associados à violência escolar com adolescentes: uma revisão integrativa” de Farias *et al.*, (2022), também destaca o *cyberbullying* como uma forma em que os jovens encontraram de intimidar outras pessoas.

[...] diferentemente da violência escolar geral, possui vantagens no anonimato, uma vez que o rastreamento de usuários é difícil, além da constância, velocidade, difusividade e choque visual que causa nos expectadores e vítimas. Devido a essas características as vítimas de violência escolar podem tornar-se agressores através do *cyberbullying*, como forma de retaliação ou expressão dos sentimentos contidos. (Farias *et al.*, 2022, p.11).

Assim, no segundo e terceiro artigo, os autores apontam que em geral o *cyberbullying* é praticado para suprimir sentimentos que estão muitas vezes escondidos, e pela facilidade do anonimato, em que os usuários têm praticamente a certeza de não ser descobertos, mas os danos aos outros são iguais. Os autores do terceiro artigo ainda pontuam a respeito da *violência* escolar e do *cyberbullying*, que muitas vezes a experiência de ser vítima dessas violências pode levar os adolescentes a se tornarem agressores no ambiente virtual, criando um ciclo vicioso, pois os jovens que são afetados por essa situação, podem ter sérios problemas na escola como dificuldades de aprendizado e interação social, além de causar sentimentos de depressão e levá-los às práticas de suicídio.

O quarto artigo intitulado como “Violência escolar - Uma revisão sistemática de literatura entre 2009 a 2019”, de Araújo e Coutinho (2020), trata mais especificamente da violência relacionada ao *bullying*, termo que pode ser compreendido, de acordo com os autores, como um ato de violência intencional, repetitivo e caracterizado pela desigualdade de poder.

Neste contexto os autores ressaltam a importância de a escola se preocupar com ações que discutam a lei contra o *bullying*:

[...]a Lei 13.185 de 2015 que trata sobre o Combate à intimidação sistemática (*bullying*) que tem, entre outros, dois importantes eixos que tratam sobre a capacitação dos profissionais inseridos no contexto escolar no enfrentamento do problema em tela e ações preventivas pautadas na cultura para a paz em oposição ao quadro de violência vivenciado no interior das escolas. (Araújo; Coutinho, 2020, p.12).

Os autores destacam na Lei 13.185 de 2015, que trata da tentativa de combater à intimidação sistemática, também conhecida como *bullying*, aborda dois eixos principais: a capacitação dos profissionais que trabalham nas escolas para lidar com o problema do *bullying* e a implementação de ações preventivas baseadas na promoção de uma cultura de paz, que se opõe ao ambiente de violência muitas vezes observado dentro das escolas. Destacam que essas medidas visam criar um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para todos os alunos, tendo em vista que a violência de *bullying* pode causar danos a todos os envolvidos, tanto na escola quanto na saúde emocional das vítimas.

Sobre esse tema do *bullying*, no terceiro artigo de Farias *et al.*, (2022, p. 3), os autores definem o termo como “qualquer comportamento agressivo, com três características principais: a intenção de prejudicar a vítima; a natureza repetitiva das agressões; e o desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima”.

A Lei 13.185 de 2015 foi bastante discutida também no artigo quarto, em que os autores consideram o *bullying* como ações que discriminam, intimidam, humilham, ataques físicos e insultos pessoais, físicos quanto psicológicos. Assim, os autores desses artigos destacam que a escola é um dos lugares preocupantes, pois crianças e adolescentes ficam vulneráveis a ataques de *bullying* e ainda não conseguem lidar com as consequências desse tipo de violência, pois não possuem um amadurecimento suficiente para isso e muitas vezes não são acompanhadas por adultos responsáveis para as ajudarem a superar tais problemas.

Os autores do quarto artigo Araújo e Coutinho (2020), trazem também manifestações de violência na escola, e dão ênfase ao *bullying*, pois teve suas primeiras manifestações no fim da década de 1970.

a partir dos estudos do professor e pesquisador Dan Olweus na Universidade da Noruega Estes apostilados inaugurais aglutinavam um rol de critérios que permitiam a identificação do bullying como uma das manifestações da violência escolar e suas implicações em atos suicidas entre estudantes e adolescentes, (Araújo e Coutinho, 2020, p. 2)

O quinto artigo intitulado: “Bullying no ambiente escolar e o suicídio de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática e literatura”, de Amorim (2023), também destaca o problema do bullying escolar relacionando aos problemas de suicídio. O autor lembra que a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e Adolescente (1990) que estipula que o Estado deve proteger crianças e adolescentes por meio de políticas públicas, trabalhando com a família e a sociedade para evitar comportamentos prejudiciais, já que eles têm direitos e merecem proteção integral.

Ao lermos os artigos selecionados, percebemos que todos abordam a questão da violência nas escolas, destacam as variações e os diferentes tipos de violência que ocorrem. Por vez, vemos que esses artigos destacam elementos também apontados pelo relatório do grupo MEC “ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL” (2023, p.36-37), relacionados ao uso de internet e TICs:

Não podemos esquecer que o processo se dá também pela internet e o auge das novas tecnologias de informação e comunicação, que faz com que este fenômeno encontre um novo cenário, neste caso o cyber assédio ou cyberbullying, que compartilha as três características definidoras do assédio tradicional: intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder, porém adiciona outras novas, como o anonimato do agressor e a reprodução da ofensa ou agressão.

Como destacamos anteriormente, a escola tem papel fundamental nesse processo de formação de indivíduos que fazem uso de tecnologias digitais. Ela não é a única responsável, mas ela não pode negar as oportunidades de promover o uso de tecnologias para contribuir com a formação integral dos indivíduos, pois ela é também um ambiente de socialização, onde crianças, adolescentes, jovens e adultos, incluindo os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, têm a oportunidade de adquirir conhecimentos e desenvolverem-se sob uma perspectiva cidadã, marcada pela humanidade e solidariedade, aprendendo sobre o certo e o errado e a respeitar o próximo.

No relatório do MEC vemos essa preocupação de que “a escola é, portanto, um espaço social fundamental, que deve ser estruturalmente dedicado ao processo de ensino e aprendizado

onde os saberes são construídos e os alunos devem desenvolver suas potencialidades e sua cidadania”, (Brasil, 2023, p.30-31)

De modo geral os cinco (5) artigos selecionados apresentam discussões interessantes e bem atuais sobre a violência nas escolas, focalizando problemas com o uso de tecnologias e vários desafios que levam a violência na escola.

Ao retomarmos a pergunta geradora do nosso trabalho “como o uso das tecnologias digitais podem contribuir para a sensibilização contra a violência nas escolas?”, percebemos que, os artigos de uma forma geral, ponderam que a violência está ligada de alguma maneira aos meios de comunicação em rede como a *internet* e as variadas plataformas, redes sociais, os quais podem ser um problema na vida das pessoas.

Os artigos selecionados não mostraram possibilidades sobre o uso das TICs para ajudar na prevenção e sensibilização contra a violência nas escolas, pois eles destacam outras questões como os malefícios causados pelo uso exagerado da rede, e mostra formas como prejudica os indivíduos. É importante destacarmos que apenas um artigo ressalta alguma possibilidade que as mídias digitais devem “propor transformação social e harmonia entre os membros sociais, combatendo à violência por meio de propostas preventivas e/ou interventivas através das contribuições da Psicologia e de seus profissionais” (Gonçalves *et al.*, 2023, p.2).

O relatório do MEC propõe 12 medidas emergenciais que o Estado brasileiro deve implementar para prevenir ataques às escolas, dentre essas medidas destaca-se: “2- responsabilizar as plataformas digitais sobre a circulação de conteúdo extremista e ilegal” e “11- acordar com os veículos de comunicação e plataformas digitais protocolos sobre a cobertura dos casos de violências nas escolas e contra as escolas, evitando o estímulo a novos ataques, por meio do efeito contágio ou efeito de onda”(Brasil, 2023, p.11).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) aponta a importância de uma formação crítica e criativa dos estudantes no uso das tecnologias e mídias. Porém, não oferece diretrizes específicas sobre como alcançar esse objetivo. Assim, essa responsabilidade recai sobre cada professor e gestor, aos quais é exigido sensibilidade para elaborar projetos educativos que integrem o corpo docente, estimulando o desenvolvimento dos alunos, geralmente incorporado em aspectos diversificados do currículo.

No entanto, para promover uma educação voltada à cultura digital, no sentido de que os usuários tenham habilidades e saibam lidar com recursos tecnológicos e prevenir a violência escolar, é importante que vários fatores caminhem juntos, mas que estejam voltados para uma educação séria, de qualidade e crítica, e para isso acontecer deve ter uma reestruturação na

educação, pois ao usarmos tecnologias, a nossa preocupação deve ser a mesma, deve ser focada no conhecimento dos estudantes, e pela luta do conhecimento crítico.

Ao utilizar tecnologias nas práticas pedagógicas, também devemos ensinar os nossos estudantes a buscar fontes concretas, a investigar e a se responsabilizar eticamente pelos usos que fazem das tecnologias, dessa forma, contribuimos para uma sólida formação dos estudantes, capacitando-os para um processo formativo contínuo. Eles buscarão suas realizações pessoais em conjunto com o crescimento dos outros, cultivando a solidariedade e o comprometimento tanto com as pessoas quanto com a sociedade

A partir de ações simples e corretas, é possível que o uso de TICs no dia a dia da escola, e fora dela, possa contribuir para a formação social do indivíduo, pois crianças e jovens estão cada vez mais imersos no universo digital, tanto dentro quanto fora da escola, o que há uma demanda crescente da capacidade de pensamento crítico. Para atender a essa demanda, é fundamental um movimento educacional que resgate o papel social da educação com a preocupação da formação integral dos indivíduos e com a apropriação do conhecimento verdadeiramente útil.

É necessário que cada professor e professora entenda a importância desse papel social da escola e conseqüentemente, também do papel social que as tecnologias podem ter para auxiliar na formação dos alunos e alunas. Que na busca pelo conhecimento necessário em cada fase escolar, se reestabeçam e se reestruturem espaços educacionais que dialoguem com as necessidades do novo tempo em que estamos vivendo no contexto da cultura digital e que, nesse contexto, haja o desenvolvimento com a educação cidadã com a finalidade de pensar sobre o uso das TICs, sobre as impressões que todos deixamos na *internet*, nosso comportamento, nossas ações e marcas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das tecnologias digitais tem se intensificado ao longo dos anos e vem ganhando mais atenção com as demandas surgidas com a Pandemia de COVID-19, momento em que a tecnologia passou a ser uma aliada às possibilidades de comunicação durante o isolamento social, auxiliando as escolas a darem continuidade nas aulas que foram suspensas.

Por outro lado, isso representou um desafio significativo tanto para os estudantes, muitos dos quais não tinham familiaridade com as tecnologias, quanto para os professores, que precisaram se reinventar e aprender a dar aulas por meio de suportes tecnológicos digitais.

Muitas escolas, professores, alunos, pais e responsáveis não estavam preparados nem com infraestrutura necessária, nem com formação pedagógica para se adaptarem ao modelo de aulas com suporte em tecnologias que pegou todos de surpresa.

Vimos que a cultura digital se refere não apenas à habilidade de lidar com dispositivos tecnológicos, ferramentas, dispositivos, celulares e computadores, mas também à competência para interagir e deixar boas impressões, ter habilidade técnica com dispositivos quanto à forma como nos apresentamos e nos relacionamos nessa cultura digital.

A cultura digital está exercendo uma influência cada vez maior sobre os usuários de tecnologias, o que tem um impacto direto em nossa sociedade. No entanto, vimos que é crucial termos consciência do uso que fazemos das tecnologias digitais, pois os estudos têm mostrado que, quando elas são utilizadas por crianças, adolescentes e jovens sem um devido acompanhamento, elas podem levar a situações de risco, contribuindo, em certa medida, para a violência e para os ataques em escolas e creches.

Os artigos selecionados nessa pesquisa mostram diferentes formas de violência, como o *cyberbullying*, *bullying* verbal, suicídio, violência escolar e intraescolar entre outros. Por vez, os autores apontaram as relações diretas desses tipos de violência o impacto no comportamento dos usuários.

Vimos que a violência não se limita a um único tipo, mas ela assume diversas formas complexas e está disseminada em todos os lugares, em especial destaque para a escola, onde crianças e adolescentes vulneráveis sofrem violência psicologicamente. Esse comportamento prejudicial está se tornando cada vez mais prevalente, deixando traumas profundos que perduram ao longo da vida.

As mídias digitais exercem uma influência poderosa sobre seus usuários, podendo levá-los à prática da violência, evidenciamos que o uso inadequado dessas tecnologias pode contribuir para propagá-la. No entanto, para evitar isso, é crucial educarmo-nos para uma utilização consciente das TICs, já que as mídias digitais também podem ser empregadas de maneira positiva.

Embora os artigos selecionados não apresentem possibilidades de que as TICs sejam usadas para auxiliar na prevenção da violência nas escolas, é possível dizer que, de tudo que lemos e compreendemos, entendemos que as tecnologias podem ajudar na prevenção e na sensibilização contra a violência nas escolas, na medida em que possamos desenvolver uma educação crítica para o uso consciente delas, de modo que os usuários, mesmo na infância, entendam os problemas que elas também podem gerar.

Assim, concluímos que é possível ocorrer a utilização das tecnologias para a prevenção e sensibilização contra a violência nas escolas, na medida em que possamos cultivar uma cultura digital em que os usuários de tecnologia sejam agentes ativos na prevenção contra a violência nas escolas. Precisamos desenvolver uma educação de qualidade e crítica, possibilitando elementos para que os alunos possam ter o compromisso garantindo processo formativo permanente, em que vão buscar suas realizações juntamente com as dos outros, tendo uma formação solidária, comprometida com as pessoas e a sociedade e que possam assumir responsabilidades, tendo uma formação mais humana.

5. REFERÊNCIAS

AMORIM, S. B. Bullying no ambiente escolar e o suicídio de crianças e adolescentes: Uma revisão sistemática e literatura. **Revista Foco**. V.16, n.6, p.01-18, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/2055/1455>. Acesso em: 10 out. 2023.

ARAÚJO, C. M. F. A.; COUTINHO, D. J. G. Violência escolar - Uma revisão sistemática de literatura entre 2009 a 2019. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação Criciúma**, v. 6. n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/49/23>. Acesso em: 10 out. 2023.

ASSIS, SG.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, JQ., (Orgs.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p.. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/q58k5>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 1990**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13979.htm. Acesso em: 20 mar. 2023

BRASIL. **Lei nº. 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 nov. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 02 nov. 2023.

BRASIL. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus, COVID-19. Brasília-DF, 2020. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343--de-17-de-marco--de-2020-248564376>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BRASIL. **RELATÓRIO - ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental, 2023. MEC. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em: 11 de nov. 2023.

BORTOLON, B.; RUDNITZKI, E.; MILENA, J. B. **Usuários apagam tuítes que incentivavam adolescente que matou professora a cometer o crime**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/twitter-adolescente-matou-professora-crime-escola/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CARVALHO, R. As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos. **Portal Eletrônico da Secretaria de Estado da Educação do Paraná** [2009]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1442-8.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CASAGRANDE, A, L.; COSTA, A, F, C.; FERNANDES, T. **Tecnologias digitais, espetáculo e violência na escola: Uma análise de “Urso Branco”**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1023-1041, jul./set. 2019.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

CNN. **Brasil teve ao menos 16 ataques em escolas nos últimos 20 anos, relembre os casos**. São Paulo, 28 de março de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-teve-ao-menos-16-ataques-em-escolas-nos-ultimos-20-anos-relembre-casos/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CONTE, E.; FILIPPOZZI, M. R. Repensando as tecnologias na educação e na formação humana. **X Anped Sul**, v. 10, p. 1-18, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arg_pdf/316-0.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

G1. Coronavírus: veja a cronologia da doença no Brasil. 06 de mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso: 10 mar. 2022.

COSTA, R. A Cultura Digital. São Paulo: **Publifolha**, 2008. 3ª ed. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404311/mod_resource/content/1/Texto-Costa-2002-%20A%20CulturaDigital.pdf. Acesso em: 11 nov. 2023.

ECHALAR, J. D.; PEIXOTO, J.; ALVES FILHO, M. A. Trajetórias: apropriação de tecnologias por professores da educação básica pública. **Unijuí: Ed. Unijuí**, 2020. Disponível em: <https://www.editoraunijui.com.br/produto/2284>. Acesso em: 17 nov. 2023.

FARIAS, A. C. N. et al. Fatores associados à violência escolar com adolescentes: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8, DOI: 10.33448/rsd-v11i8.30519. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30519/26393>. Acesso em: 10 out. 2023.

FERNANDES JÚNIOR, A. M. A pesquisa brasileira em educação sobre o uso das tecnologias no Ensino Médio no início do século XXI e seu distanciamento da construção da BNCC. 2020. 149 f. Tese - **Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/FbMVxqZ6tLB9gytrRW6SNzn/#>. Acesso em: 10 out 2023.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

GONÇALVES, F. T. D. et al. Os imitadores e a reprodução do erro: veiculação midiática de atitudes violentas e a repercussão nas mudanças comportamentais. **Research, Society and**

Development, v. 9, n. 11.9041. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9041>. Acesso em: 10 out. 2023.

KENSKI, V. M. O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007. Coleção Papirus na Educação.

LIRA, A. C. S.; PACHÚ, C. O.; ARAÚJO, L. M. A. Consequências negativas da utilização e da comunicação em redes sociais: uma revisão narrativa. **Revista caderno da escola de comunicação**, vol.18, n. 1, p.30-44. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/6357>. Acesso em: 10 out. 2023.

MOZELLI, R. Possíveis ameaças de ataques deixam escolas atentas. **Olhar Digital**, 2023.

Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/04/13/pro/possiveis-ameacas-de-ataques-deixam-escolas-atas/>. Acesso em: 27 mai. 2023.

PEIXOTO, J. Tecnologia na educação uma questão de transformação ou de formação. In: GARCIA, D. M. F., CECÍLIO, S. (Org.) **Formação e Profissão docente em tempos digitais**. Campinas, SP, Alínea, 2009.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C.; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. DOI: [10.20396/rdbci.v10i1.1896](https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 21 jun. 2023.

PORTO, R.; AMARO, L.; HENRIQUE, A. Aluno apreendido sofria bullying e teria anunciado ataque na escola. **Metrópoles**, São Paulo, 23 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/aluno-apreendido-sofria-bullying-e-teria-anunciado-ataque-em-escola>. Acesso em: 07 nov. 2023.

PORTO, R.; BERNARDO, J. Exclusivo: mensagens mostram que aluno foi instruído a atacar escola. **Metrópoles**, São Paulo, 28 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/exclusivo-mensagens-mostram-que-aluno-foi-instruido-a-atacar-escola>. Acesso em: 09 nov. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

RODRIGUES, T. D. F. F.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, J. A. **As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação**. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49/41>. Acesso 21 de jun. 2023.

SANES, D. O que levou ao aumento dos ataques a escolas no Brasil. **Desafios da Educação**, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.com.br/ataques-a-escolas/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SILVA, W. A. Trabalho educativo, tecnologias educacionais e formação humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.1, p. 0781–0794, 2022. DOI: [10.21723/riaee.v17iesp.1.15880](https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.1.15880). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15880>. Acesso em: 11 set. 2023.

SOUZA, R. A.; SILVA, M. S. P. da. Política de Inovação Educação Conectada: Universalização do acesso à internet e uso pedagógico de tecnologias. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023060, 2023. DOI: 10.21723/riace.v18i00.18270. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18270>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SILVA, W. A. Trabalho educativo, tecnologias educacionais e formação humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.1, p. 0781–0794, 2022. DOI: 10.21723/riace.v17iesp.1.15880. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15880>. Acesso em: 11 set. 2023.

UOL. Brasil chega a nove ataques a escolas no ano, patamar recorde; relembre casos. São Paulo, 23 de outubro de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/10/23/brasil-chega-a-nove-ataques-a-escolas-no-ano-patamar-recorde-relembre-casos.htm>. Acesso em: 06 nov. 2023.